

SUJEITOS DA LINGUAGEM EM DIÁRIOS VIRTUAIS: APROXIMAÇÕES ENTRE OS CASOS ISADORA FABER E MALALA YOUSUFZAI

*Flávia Moreira Mota e Mota**

*Iulo Almeida Alves***

*Marília Flores Seixas de Oliveira****

RESUMO: Neste trabalho, partimos da observação de dois diários virtuais, como nomeamos as escritas digitais feitas por Isadora Faber e Malala Yousufzai, com a base teórica fundamentada também em Mikhail Bakhtin, apresentando-se aqui especialmente quando utilizamos o conceito de sujeito polifônico, tratando os casos abordados a partir da pertença dos sujeitos produtores aos espaços de “onde” falam e da força que seus discursos alcançam também por esta razão.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeitos da linguagem; Pragmática; Atos de fala; Diários virtuais.

Considerações iniciais

O presente artigo surge da observação de uma questão que nasce no âmbito social, mas que ganha força e projeção por meio da linguagem. Duas adolescentes, a brasileira Isadora Faber e a paquistanesa Malala Yousufzai, preocupadas em falar sobre a realidade em que vivem, utilizam diários virtuais para lutar por melhores condições na educação. O que fortalece o discurso de ambas é que elas não falam como alguém “de fora” da situa-

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista Fapesb.

** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da UESB. Bolsista UESB.

*** Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem (PPGCEL/UESB), do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) e do DFCH, na UESB. Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UNB).

ção, mas sim como quem vivencia a realidade sobre a qual fala, evidenciando-se o fato de “pertencer” e valorar a partir de seu lugar. Tem-se, então, o valor maior que o discurso alcança/atinge em razão da pertença. São histórias que contam de si, tendo como alvo a denúncia social.

Nosso foco é a visão possibilitada a partir da confluência de histórias que mesclam o “falar de si” representativo de “outros” em diários virtuais, articulados por garotas de uma mesma faixa etária, estabelecendo conexões com as noções de pertença e de sujeito de linguagem, não nos aprofundando neste momento na Teoria dos Atos de Fala, utilizada aqui também como base teórica.

Concordamos com a ideia proposta por Dummet (*apud* RAJAGOPALAN, 2010) ao afirmar que a linguagem é algo essencialmente social, que envolve um incontável número de pessoas e é justamente este fato que faz com que ela seja viva e que possa ser considerada como forma de ação. A linguagem toma forma, seja enquanto texto ou enquanto discurso, a partir da necessidade de comunicação entre os seres humanos. É interessante observar como em diferentes circunstâncias uma mesma pessoa pode utilizar a linguagem de maneiras diversas, para que o processo comunicativo no qual está inserido obtenha êxito. A forma de se reportar a uma autoridade não é a mesma empreendida em um diálogo informal com familiares e pessoas mais próximas. Os sujeitos vivem em um constante criar e reelaborar de sentidos e enunciados para que possam se situar no mundo.

Essa condição de adaptabilidade é uma das características da linguagem posta em ação, ideia defendida pela Pragmática. Trata-se, entre outras coisas, “do domínio da variação e da heterogeneidade, devido à diversidade do uso e à multiplicidade de contextos” (FILHO, 2006, p. 219). Este autor destaca que uma das linhas principais que definem a pragmática está centrada na concepção de linguagem como realização de atos. Dito de outro modo, assume-se a ideia de que “dizer é fazer”. Nessa perspectiva, a definição de Pragmática passa pelo entendimento da linguagem posta em ação. Sua construção de sentido não depende necessariamente do significado da palavra ou da construção da senten-

ça; volta-se exatamente para a situação de comunicação, firmada pelo contrato estabelecido entre os interlocutores, de sua interação.

Entre as principais correntes contemporâneas da filosofia da linguagem, que corroboram com a concepção pragmática da linguagem, podemos citar a Teoria dos Atos de Fala, proposta esboçada pelo filósofo inglês John Langshaw Austin (1975). Em sua visão, a língua é parte da ação e não apenas um código, como proposto pela Semiótica; o que a palavra quer dizer pode mudar ao longo da narrativa, esta última aqui compreendida como uma progressão, um movimento no eixo temporal. Mas isso não quer dizer que os Atos de Fala são compostos apenas por palavras, não dependem apenas da voz e da fala, permanecendo atada ao plano oral, mas os gestos e atitudes também podem (e devem) ser aí enquadrados.

Na divisão dos Atos de Fala encontramos o ato locutório, o qual corresponde ao ato de pronunciar um enunciado; o ato ilocutório, compreendido como o ato que o locutor realiza ao pronunciar um enunciado em determinadas condições comunicativas e com intenções específicas, por exemplo, dar uma ordem, emitir um aviso, fazer uma crítica ou pergunta, remeter um convite etc. Dessa forma, em um ato ilocutório, a intenção comunicativa de execução se associa intimamente ao significado de determinado enunciado. Por fim, temos o ato perlocutório, categoria que diz respeito aos efeitos que um dado ato ilocutório produz no alocutário. Destaca-se a menção recorrente a verbos como convencer, persuadir ou assustar neste tipo de atos de fala, uma vez que tratam do efeito causado no alocutário. A Teoria dos Atos de Fala (1975) permite pensar o ser humano como um ser político, por isso podemos dizer que nossas afirmações se encontram entrelaçadas, permeadas pela ideologia, de um modo que não conseguimos nos dar conta.

Numa perspectiva semelhante aos Atos de Fala, Mikhail Bakhtin se ocupa dos chamados “projetos de dizer”, os quais partem do princípio da compreensão responsiva ativa, que compreende que todo enunciado desperta a necessidade de uma resposta, ou seja, sempre provoca uma atitude ativa do locutor, mesmo que a reação do(s) interlocu-

tor(es) não venha acompanhada de uma expressão verbal. Francelino (2011, p. 3578) explica que

O enunciado, nessa perspectiva, é caracterizado basicamente pela presença de três propriedades fundamentais, sem as quais ele deixa de ser a unidade da comunicação verbal e passa à categoria de unidade da língua, como é o caso da oração. A alternância dos sujeitos falantes, o acabamento específico do enunciado e sua relação com o próprio locutor e com os outros parceiros da comunicação verbal constituem, de forma intrínseca, amalgamada, as propriedades do enunciado. A alternância dos sujeitos falantes refere-se ao fato de todo enunciado relacionar-se, constitutivamente, com outros enunciados situados espacial e temporalmente. Ele surge de um já-dito e desencadeia respostas futuras, imediatas ou não. (...) É necessário que o enunciado seja formulado em sua totalidade no que concerne ao projeto de dizer do locutor; em outras palavras, tudo aquilo que, num preciso momento e em condições precisas, o locutor pretende dizer a alguém deve apresentar-se como um todo, inteligível, **possível de suscitar uma resposta** (grifo nosso).

Além dos pressupostos apresentados até então, o processo de análise aqui empreendido será norteado também pelas considerações acerca do “sujeito polifônico” apresentadas pelo filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, sendo este conceito uma referência ao sujeito que se manifesta como “eu” no enunciado e, ao mesmo tempo, se responsabiliza por tal.

Para uma melhor compreensão da nossa proposta, apresentaremos a seguir os casos e seus sujeitos que compõem o presente objeto de estudo.

Os casos Isadora Faber e Malala Yousafzai

Em 11 de julho de 2012, a estudante brasileira Isadora Faber, de 13 anos, criou uma página numa rede social na internet a fim de denunciar o estado que se encontrava a escola em que estudava, na cidade de Florianópolis. Embora seus direcionamentos fossem mais amplos do que as fotografias que ela divulgou, tais imagens deram a perceber que havia uma preocupação em participar ativamente da vida escolar, de maneira a tentar, por meio dos textos e das imagens postados por ela, melhorar a educação. A página, inti-

tulada “Diário de Classe — a verdade”¹, teve grande repercussão na mídia nacional, obtendo apoio de colegas de Isadora e de pessoas de diversos lugares do país e do exterior.

As primeiras postagens de Isadora diziam respeito à estrutura precária da escola, como pode ser observado nas imagens 1 e 2. Estas fotografias, feitas pelo celular da garota, denunciavam as más condições de conservação dos objetos componentes daquele ambiente: paredes riscadas por alunos, portas sem fechaduras e algumas delas quebradas ou aparelhos elétricos com fiação exposta ao alcance dos alunos são exemplos de denúncias que as fotografias disparadas por Isadora revelam. Isadora se propôs, ainda, a revelar o que vinha sendo servido como merenda escolar a ela e a seus colegas.

Ao longo do tempo, as postagens ganharam força e tiveram resultados positivos, no sentido da depreciação denunciada ter sido reparada. Não se limitava a mostrar problemas dos espaços físicos. Um vídeo foi postado como protesto à indisciplina durante as aulas de matemática. A intenção da aluna é lutar por um direito que não é só seu, mas pelo direito fundamental à educação constituído por lei a todos os cidadãos brasileiros.



Imagem 1 — Primeira postagem da página mantida por Isadora Faber no Facebook, publicada em 11 de julho de 2012

¹ A página pode ser acessada por meio do link “<https://www.facebook.com/DiariodeClasseSC?fref=ts>.”



Imagem 2 — Foto postada por Isadora Faber também no dia 11 de julho de 2012, acompanhada pelo texto “O portão da escola, os problemas começam na PORTA DE ENTRADA”.

A perspectiva da estudante se direciona a uma verve de questionamento social da realidade escolar no país, já que a voz que ela emite ecoa em diversas instâncias e espaços de educação no Brasil. Ainda, é possível relacionar a história recente de Isadora com a narrativa também de diário online no site de uma grande rede inglesa de comunicação em 2009, feita por Malala Yousafzai, paquistanesa, à época com 11 anos. Sua escrita tinha como escopo contar sobre a vida sob o regime Taliban, especialmente por seu anseio em frequentar normal e livremente a escola, proibida para meninas.

A garota conta sobre alguns artifícios estabelecidos pelos diretores e professores com o intuito de possibilitar o tráfego escola-casa das meninas sem levantar suspeitas, como o não uso do uniforme escolar para ir àquele estabelecimento, além de sua trajetória cotidiana e dos seus desejos interrompidos em razão da ordem controladora em seu país. Seus discursos ganharam força internacional ainda maior no ano de 2012, quando Malala foi alvo de um ataque, assumido pelo Taliban, tendo sido noticiado na mídia brasileira² no dia 9 de outubro de 2012: a garota foi baleada na cabeça, por motivos político-

² Uma das primeiras publicações consta no site do Estadão, podendo ser acessado no seguinte link: <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,taliban-ataca-ativista-adolescente-no-paquistao,943002,0.htm>.

religiosos claramente associados ao fato de seu discurso advogar que mulheres devem estudar — esquema oposto ao declarado pelo regime.

O que o caso de Malala sustenta é também a possibilidade de expressar uma voz que é representativa de tantas outras que vivem aquela emergência de mudança da rotina imposta e induzida pela supremacia de uma condição de ordem.

Vale ressaltar que, embora estejamos propondo uma aproximação no campo da linguagem entre os casos aqui apresentados, não podemos deixar de salientar que cada um deles possui suas particularidades, principalmente no que tange ao âmbito sociocultural. Falar de Educação no Brasil não é o mesmo que abordar o tema da inclusão de mulheres no sistema educacional do Paquistão, tampouco falar de luta por direitos na nossa nação nem de longe se aproxima do que isso significa em solo paquistanês.

Contudo, mesmo em posições geográficas, sociais e culturais completamente distintas, podemos notar uma identificação dos casos em questão, a partir de um comentário feito pela própria Isadora em uma postagem do dia 10 de outubro de 2012, na qual a estudante tece algumas considerações acerca da tentativa de assassinato que Malala havia sofrido. Em seu comentário, Isadora Faber afirma que, mesmo “assustada”, não deixará de continuar lutando por melhorias na Educação:

Me mandaram esse link que me deixou muito assustada. Não imaginava que as coisas chegassem a esse ponto. Meus pais ficaram muito preocupados, me disseram que é do outro lado do mundo, outra cultura e que aqui não é desse jeito, que posso desistir do Diário quando quiser. Disse que não, irei continuar mas mesmo assim fiquei assustada, ela tem 14 anos.

A tentativa de homicídio contra a paquistanesa não aparece como um fato isolado de violência na trajetória das estudantes aqui citadas. No dia 5 de novembro de 2012, a residência de Isadora sofreu ataques de vândalos, tendo sido apedrejada. De acordo com

a publicação³ feita pela estudante em sua página, no entanto, sua avó, que reside na mesma casa, foi atingida por uma das pedras. A violência latente nestes atos denuncia claramente um repúdio aos escritos das estudantes, envolvidas no compromisso com o questionamento das condições de estudos.

O que podemos considerar como elementos que unificam a ação discursiva de ambas é a temática central do discurso — a saber, a luta centrada na Educação — e os meios através dos quais as adolescentes decidiram divulgar suas ideias. Considerando este último aspecto, é preciso entender que as formas de produção e divulgação dos conteúdos particulares, ainda que representativos de uma coletividade expressiva, nos casos expostos se dão em ambiente virtual, intitulados aqui de diários virtuais⁴.

Os diários virtuais

O termo *blog* vem da palavra *weblog* e, embora a expressão tenha sido encurtada, seu significado tem se expandido consideravelmente (KNIGHT, 2010). Assim também ocorre com as redes sociais. Além de ser um espaço, onde podem ser publicados comentários curtos em diferentes tópicos, eles podem comportar notícias recentes, informações sobre a vida pessoal do usuário ou qualquer tipo de dados que se queira divulgar.

O que constituímos aqui como “diários virtuais” estabelece diálogo com o conceito de *blog* apontado nesta parte do texto. É possível aproximar ambos os conceitos, conceituando também que são alternativas à mídia tradicional, ainda que amparados por grandes veículos de comunicação — como no caso de Malala Yousafzai, que tem sua pá-

³ Isadora Faber comentou sobre o episódio de vandalismo em sua página no dia 6 de novembro de 2012. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=295842527188927&set=a.261968860576294.48181.261964980576682&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-b-a.akamaihd.net%2Fphotos-ak-prn1%2F621312_295842527188927_1663187738_o.jpg&smallsrc=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-b-a.akamaihd.net%2Fphotos-ak-prn1%2F155322_295842527188927_1663187738_n.jpg&size=1152%2C2048>. Acesso em: 31 de janeiro de 2013.

⁴ Como as adolescentes utilizam meios distintos de divulgação dos seus escritos (Isadora Faber escolheu um site de relacionamento, o Facebook, e Malala Yousafzai elegeu o formato blog), optamos por denominá-los “diários virtuais”, uma vez que ambas utilizam os recursos da internet e uma linguagem mais informal própria do meio.

gina⁵ hospedada no site da BBC Urdu (Imagem 3)—, tendo seus conteúdos ou parte deles publicados pela grande mídia.

A construção dos diários virtuais estabelece relação com a proposta independente do fazer em blogs, como aponta Knight (2010, p. 39), ao afirmar que “a grande maioria dos *blogs* é de diários pessoais (...) os blogueiros estão desimpedidos de restrições tradicionais sobre comentários ou opiniões (...) [que] podem — e frequentemente o fazem — mesclar fatos com opinião (...)”.

A livre expressão é assegurada em sites dessa natureza e o conteúdo postado ajuda a determinar o tipo de comentários e os perfis de quem acessa ou desempenha funções como “seguir”, “curtir”, “compartilhar” e “comentar”, tão comuns a esses meios. Quando está em questão a defesa por uma causa maior, que afeta os cidadãos em uma ampla escala, como vemos em ambos os casos aqui apresentados, a repercussão e adesão são ainda maiores.



Imagem 3 — Blog de Malala Yousafzai

A informalidade da linguagem utilizada nos diários também é um importante aspecto a ser observado. Tal fato encontra amparo na dita “filosofia da linguagem ordiná-

⁵ A página pode ser consultada no endereço http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7889120.stm

ria⁶”, desenvolvida por Austin e Ludwig Wittgenstein, apontada por Kanavillil Rajagopalan (2010). Esta corrente que apreende nossa linguagem do cotidiano, em contrapartida ao seu aspecto formal, foi moldada por gerações de falantes e, neste processo, assimilou uma parte considerável das distinções que seus falantes julgaram necessárias.

Do modo em que são expostos, os problemas relatados se mostram indissociáveis da própria rotina de cada uma delas. Talvez seja justamente a forte ligação que cada uma delas tem com os fatos em questão e com as problemáticas expostas na rede que gere uma afirmação dos papéis de sujeito da linguagem. Desse modo, a experiência dos diários virtuais publicados pelas garotas nos mostra como a internet pode ser utilizada como uma importante ferramenta de mobilização social, e como experiências pessoais podem gerar tamanha identificação em diferentes locais do planeta.

Sujeitos da linguagem

Aqui parece interessante tratar dos assuntos relativos a “quem” fala e qual papel assume durante este ato. Para Mikhail Bakhtin (2002, p. 15), “a entonação expressiva, a modalidade apreciativa sem a qual não haveria enunciação, o conteúdo ideológico, o relacionamento com uma situação social determinada, afetam a significação”. Nessa direção, é pertinente pensar que a fala adquire valor a partir do sujeito que a produz — a qual ambiente social e lugar discursivo ele pertence —, com quais intenções de sentido, com quem ele dialoga e qual o meio que utiliza para se manifestar.

Bakhtin ainda participa aqui deste diálogo teórico para trazer a consideração sobre o sujeito polifônico. O filósofo da linguagem o enxerga como o sujeito-locutor que fala de si, trazendo à tona as diversas vozes de outros sujeitos que podem participar daquele discurso. Sendo assim, seria adequado relacionar como um dos aspectos que constituem as enunciações trazidas pelas personagens deste trabalho. Ao falar em seus diários virtuais, Isadora Faber e Malala Yousafzai assumem lugar próprio de fala: centram seus discursos

⁶ A filosofia da linguagem ordinária foi um movimento filosófico desenvolvido na Inglaterra entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, tendo seu ápice entre o final dos anos 1940 e início dos 1960.

sos no que vivem, no que vêem e viram, nas experiências provenientes de seus cotidianos para manifestar e, mais significativamente, buscar mudança das situações expostas.

Em uma de suas primeiras publicações, datada de 3 de janeiro de 2009, Malala diz:

Minha mãe preparou café da manhã para mim e eu fui para a escola. Eu estava com medo de ir à escola porque o Taliban tinha baixado um decreto de banir todas as garotas de irem às escolas.⁷

O que fica explícito é o sentido de coletividade, ainda que expresso por sua escrita particular, no plano de forças política e social e do simbólico. Nesse sentido, o discurso de Malala, que “pertence” àquele universo comandado pelo Taliban, tem uma força ainda maior: ela participa e “sofre”, de certo modo, as restrições e contingências de um regime. Ao falar sobre isso em seu diário virtual, Malala utiliza da sua voz para falar dela e de outros. É nesse âmbito grandioso que habita o sentido da noção de sujeito da linguagem, sendo o discurso não o lugar de um, mas de muitos sujeitos.

O caso explicitado anteriormente sobre Isadora Faber alcança também uma amplitude horizontal de vozes que dialogam entre si e dizem de si como em um coro uníssono de vários discursos, ainda que encabeçados pela voz virtual (e não nos limitamos aqui quando utilizamos ‘voz’ para encaixar também os conceitos de ‘fotografias’ e ‘textos’). Através de seu diário, Isadora se compromete inicialmente em explicitar condições não favoráveis a uma educação de qualidade na rede pública, utilizando de sua voz única, que passeia e tem de frequentar ambientes escolares precários, na tentativa de atenção para aqueles problemas. Ela assume uma voz polifônica, não apenas dela, mas de outros que compartilham de situações escolares semelhantes às que ela convive. Seu discurso ganha ainda mais força pelo fato da aluna “estar presente”, por “participar”, por pertencer àquele grupo de alunos que está diante das situações.

⁷ Tradução livre do trecho “My mother made me breakfast and I went off to school. I was afraid going to school because the Taleban had issued an edict banning all girls from attending schools”, disponível em http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/7834402.stm. Acesso em 18 de outubro de 2012.

Considerações finais

As relações aqui estabelecidas se dão a partir do entendimento de que o sujeito, quando fala, participa do social, formula conexões com o que está socio-historicamente construído e assume um papel em seu local de discurso. Nos casos explanados, são papéis de pertença — elas estão “ali” — e de sujeitos de linguagem — que participam de onde estão e de onde são.

É importante também considerar o valor que a palavra alcança no momento de sua expressão que, ainda para Bakhtin (2002, p. 66), “revela-se (...) como o produto da interação viva das forças sociais”, tendo em vista que as produções dos blogs aqui apresentadas, uma vez que as palavras expostas pelas adolescentes, aqui analisadas, obtiveram repercussão nacional e internacional, tendo sido “ouvidas” e algumas de seus questionamentos foram solucionados — a exemplo da estrutura escolar, no caso de Isadora, que recebeu alguns reparos após a divulgação no diário virtual da garota. Isto é, a palavra se constitui como uma força social, já que é construída e utilizada pelos falantes e instituições que formam a sociedade, como também pode reverberar pedidos e indagações daquela mesma sociedade ou de outrem. A palavra carrega, pois, uma infinidade de significados sociais, sendo proclamada por seres sociais, dinamizadas em discursos de “alguém” que diz de si e de outros.

LANGUAGE SUBJECTS ON VIRTUAL DIARIES: APPROACHES BETWEEN ISADORA FABER AND MALALA YOUSUFZAI CASES

ABSTRACT:

In this article, we observe two virtual diaries, as we named the digital writings made by Isadora Faber and Malala Yousufzai, based also on Mikhail Bakhtin, whose specifically polyphonic subject concept we use, treating the discussed cases upon the producers' feeling of belonging to the places from “where” they speak and upon the strength their speeches achieve also because of that aspect.

KEYWORDS: language subjects; Pragmatics; speech acts; virtual diaries.

REFERÊNCIAS

Austin, John L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1975.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 9. ed., São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. *Estética da criação verbal*. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FILHO, Danilo Marcondes de Souza. *A Teoria dos Atos de Fala como concepção pragmática de linguagem*. Filosofia Unisinos, São Leopoldo v.7, número 3, SET/DEZ.2006.

FRANCELINO, Pedro Farias. *Autoria em enunciados midiáticos verbo-visuais*. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2011, p. 3577-3587.

KNIGHT, Megan. *Blogging and citizen journalism*. In: Citizen Communication: Re-visiting traditional, new and community media practices in South Africa.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. *Nova pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

*Recebido em 19/08/2012.
Aprovado em 22/01/2013.*